

A *SEARA NOVA* representa o esforço de alguns intelectuais, alheados dos partidos políticos mas não da vida política, para que se erga, acima do miserável circo onde se debatem os interesses confessáveis das clientelas e das oligarquias plutocráticas, uma atmosfera mais pura em que se faça ouvir o protesto das mais altivas consciências, e em que se formulem e imponham, por uma propaganda larga e profunda, as reformas necessárias à vida nacional.

Não comunga ela no vão e pernicioso sofisma de que são os políticos os únicos culpados da nossa situação. A verdade é que os políticos não são melhores nem piores do que o permitem as condições gerais da mentalidade portuguesa. Todo o país tem de aceitar a responsabilidade que lhe cabe no desastre colectivo; todo o país, e em especial a sua *élite*. A vida política duma nação é, em grande parte, o reflexo da sua vida intelectual, dos seus movimentos de ideias, das aspirações mais profundas do seu escol. Por outro lado nenhum regimen político de mentira e incompetência se pode manter em qualquer país sem que essa incompetência e essa mentira sejam os característicos dominantes da sua própria *élite* intelectual. De outra forma, as monstruosidades e as traficâncias impedi-las hia o seu protesto organizado. Em última análise, é ela a maior responsável, porque constitui aquela parte da consciência duma nação que deveria ser a última a desfalecer ou a corromper-se. Renunciando ao seu papel directivo, sequestrando-se no formalismo e no cabotinismo literário, não fazendo do sacrifício o seu prazer mais elevado e da dedicação pelo bem geral o seu mais alto privilégio — não tendo sequer a elegância moral de se conservar pura e desinteressada no meio da corrupção e da deliquescência das altas camadas da sociedade — a sua indiferença, o seu miserável contentamento de si própria, o seu scepticismo moral, a sua intolerável vaidade, a sua falta de preocupações largamente humanas e, sobretudo, a absoluta incompreensão da sua verdadeira missão social, conduziram a este tremendo resultado, que todas as esferas da actividade da nação se sentiram atingidas da falta de ideal, de inteligência, de capacidade criadora e de sensibilidade moral que se revelavam na sua *élite*.

Os homens da *SEARA NOVA* pretendem fazer, por sua parte, em nome de toda a *élite* portuguesa, o seu acto de contrição. Serão poetas militantes, críticos militantes, economistas e pedagogos militantes. Ao contrário dos contritos de outro tempo, que renunciavam ao mundo para se consagrar ao divino, é ao mundo que a sua contrição os restitue. Muito tempo passaram já os homens de *élite* isolados do povo, fora das realidades sociais, muito para além do plano e do movimento em que se tece o futuro do mundo. E' preciso que desçam até à corrente que transporta os germens da sociedade futura, e que nela lancem também o seu próprio sangue. Pouco importa qual o exemplo das outras classes sociais. Quanto mais baixo e mais vil fôr o meio que os cerca, mais êles teem de refinar no sacrifício e na nobreza, pondo as qualidades morais acima de todas as outras distinções. Considerarão o egoismo como uma lepra, como a deselegância suprema. Que importam as dificuldades a vencer, e os perigos com que arrostar? O heroismo é a palavra mais adequada para exprimir o peso enorme das suas responsabilidades.

Compenetrados destas ideias, queremos constituir na *SEARA NOVA* um núcleo de homens de boa consciência e vontade enérgica dispostos a assumir perante a expoliação, a rapina, o egoismo e a mentira nacionais uma violenta e sistemática atitude de protesto. Queremos apontar ao desprêso público os inimigos do bem comum, os que deitaram abaixo as estátuas de todos os altares, para prestar apenas culto ao Bezerra de Ouro. Queremos agrilhoar ao pelourinho da infâmia os "potentados do dinheiro" que dêle se servem apenas para fazer a miséria dum povo. Queremos instaurar o processo de todos os escândalos, sejam quais fôrem os seus autores e responsáveis, sem que nos tolha a pena nem por um momento o miserável sofisma de podermos ser, com as nossas campanhas de moralidade, prejudiciais à República. Tais sofismas só podem ser defendidos por cúmplices ou por participantes; ou então pelos que, tendo horror à verdade, repudiam dessa maneira a mais alta essência do regimen que dizem defender. Em democracia quem mente ao povo é réu de alta traição. E' à verdade, à sinceridade, à absoluta lealdade e probidade de pensamento, que é mister habituar o povo português.



Mais ainda que os próprios escândalos, irritam o homem de perfeita consciência êsse sistema de silêncio, de meias confissões e baixos compromissos em que todos nós vivemos. Sente-se que há sempre por detrás das nossas palavras guarda-ventos e anteparos onde a verdade se esconde. O vento da verdade é demasiado forte para nós. Pelo que pessoalmente nos diz respeito, queremos receber nas faces a sua lufada vital. Poremos sempre o que julgamos o nosso dever para com o país e a República acima da maneira como possam ser interpretadas ou deturpadas as nossas intenções. Pouco nos importará também que a crítica que fizermos em obediência à verdade se encontre por vezes com aquela que por simples interesses partidários façam os inimigos da República: isso não alterará nem num ápice a linha do nosso procedimento.

Mas não abandonando nunca estas disposições de combate, *A SEARA NOVA* quer exercer mais que uma simples acção de crítica e de protesto: quer chamar a atenção de todo o país para as reformas necessárias e contribuir para que se crie, em volta dessas reformas, uma opinião nacional que as exija e apoie. Quer fundar as condições da verdadeira democracia, sem as quais a República não passará do regimen de baixa mentira e indigna plutocracia que tem sido até hoje. Quer ajudar a criar essa luminosa e firme consciência nacional que imponha aos dirigentes (políticos e não políticos) o caminho da nossa salvação. Quer, numa palavra, contribuir para a grande e profunda Revolução que deve redimir a nossa Pátria — e exactamente porque trabalha para essa Revolução, combater todas as revoluções de clientelas, sôfregas de mando e vazias de princípios, que o banditismo dos *condotieri* políticos, sem o menor respeito pela vontade do país e pela democracia, tem perpetrado em Portugal. Esses processos de assalto revolucionário em que o poder é tomado por surpresa, sem o esclarecimento prévio do país sôbre as intenções dos seus dirigentes, só poderão esperar da nossa parte, e sejam quais fôrem os princípios de que pretendam inspirar-se, a mais formal e indignada condenação.

Não nos prendendo assim com vãs palavras — República, Revolução — atrás das quais se pode pôr tudo, até o *contrário* da República, até o *contrário* da Revolução — procuraremos atingir as próprias realidades. Mas porque o nosso realismo não é um realismo estreito e materialista, um realismo do "inferior", que só vê na melhoria das condições materiais a nossa verdadeira salvação, e despreza o Espírito e tudo quanto depende do Espírito como uma excrescência de luxo ou um puro epifenómeno, esforçar-nos hemos acima de tudo pela elevação do Espírito, condição essencial de toda a nobreza da vida humana e das próprias reformas materiais. Para nós a literatura, a arte, a filosofia não constituem um requinte dispensável da civilização: são, pelo contrário, as suas necessidades mais insofismáveis e as mais altas realidades da vida da espécie, sem as quais não seria possível conceber a sua existência nem desejar a sua prorrogação. Se o idealismo está desacreditado entre nós, é porque êle se tem conservado infinitamente longe da vida, é porque êle não tem expresso as mais reais e fortes aspirações da alma humana. Mas o verdadeiro idealismo é aquele que mergulha as suas raízes nas mais fundas necessidades da existência, aquele que exprime a própria vontade de viver uma vida inteiramente humana. A verdade é que toda a civilização que pretenda deixar de fundar-se num idealismo desta natureza atinge, só por êsse facto, o *terminus* da sua existência: parte assim todas as molas que a mantinham e lhe davam impulso. — Por outro lado, não concebemos nenhum esforço de redenção nacional sem uma espécie de conversão e de exaltação religiosa dos espíritos. Não é no marasmo intelectual, no letargo colectivo, que se podem elaborar os grandes movimentos redentores. E aos que nos queiram contradizer, perguntamos simplesmente o que é então que explica porque não entrámos ainda nesse caminho de redenção. Essa exaltação religiosa dos espíritos direis talvez vós outros que é uma utopia; iludí-vos singularmente: a verdadeira utopia é pensar que sem ela se possa redimir qualquer país. Chamais espírito *prático* ao que vê apenas as determinantes inferiores dos processos sociais; mas nós chamamos verdadeiramente espírito *prático* ao que vê também as determinantes superiores. Eis como o vosso materialismo vos torna vítimas da utopia mais perigosa. — Pela nossa parte não cremos nas gerações espontâneas; não cremos numa melhoria da nossa vida nacional sem que as mais íntimas fibras das consciências sejam abaladas. Somos afinal os grandes scépticos: teimamos em não acreditar que da morte possa saír qualquer germen de vida. A salvação nacional ou se fará pelo caminho que deixamos indicado — ou não se fará. E não valem pressas e impaciências ante a irreductível realidade das coisas.

Sob o ponto de vista político, *A SEARA NOVA* enfileira na extrema esquerda da República. Radical, sem ser jacobina, os seus esforços irão para a transformação do regimen no sentido das mais avançadas aspirações. A crítica que todas as escolas, reaccionárias ou progressivas, tem feito da demo-



cracia, ou sofrem do erro de exigir dela um "absoluto" que nenhum regimen poderá atingir, porque nenhum poderá modificar a própria natureza das coisas; ou incidem apenas sobre defeitos de organização que não são inseparáveis do sistema; ou, o que é pior, recaem sobre as *realizações da democracia*, tantas vezes antagónicas do seu verdadeiro espírito. Não se pode atacar a democracia pelo facto de ela não realizar o paraíso terreal; pela circunstância de *os homens que a puseram em prática* não terem adoptado, em conjunção com os métodos que lhe são próprios, métodos de organização social e de valorização da "inteligência", que com ela são absolutamente compatíveis; finalmente de ser a responsável pelas grotescas falsificações que em alguns países (como Portugal) se fizeram do seu espírito e dos seus métodos, isto é, no fundo, de ser responsável por que os homens a não tivessem feito.

Mas *A SEARA NOVA* não pode proceder ainda como se a sociedade actual fôsse a realização suprema da justiça; como se uma maior justiça social não fôsse possível nem desejável; como se o socialismo não representasse uma promessa de realização dessa justiça. Todas as suas simpatias vão, pois, para os que lutam, *dentro da ordem, dos métodos democráticos e dêsse espírito de realidades sem o qual são inteiramente illusórias quaisquer reformas sociais*, pelo triunfo do socialismo.

Longe, pois, de termos de retroceder até aos últimos dias de Setembro de 1910, como querem os monárquicos tradicionais, ou ainda mais para além, como querem os monárquicos tradicionalistas, devemos regressar ao 5 de Outubro, mas regressar avançando, caminhando numa direcção inteiramente diversa e numa atitude de espírito inteiramente nova.

*A SEARA NOVA* não poderá também esquecer que vive num mundo de nações ainda separadas por estreitos exclusivismos. O seu esforço irá, pois, neste ponto, para combater todas as formas de nacionalismo, essas doutrinas anti-humanas que pretendem erguer em volta de cada país um círculo espesso de muralhas da China. Ela crê necessário que se forme, acima das Pátrias eternas, uma consciência internacional capaz de resistir energicamente a novas tentativas militaristas. E' preciso que em todo o mundo haja, entre os espíritos de integral humanidade, uma acção de reconhecimento: também nós devemos formar um exército, pronto a mobilizar à primeira voz, pronto a impedir que haja mais uma hecatombe ao deus da Estupidez e dos Exércitos. Possam os homens de boas intenções de todas as Pátrias erguer um dia, sobre um mundo que ainda hoje se debate em miseráveis disputas nacionalistas, o arco-de-aliança duma humanidade justa e livre, realizando na paz vitoriosa as conquistas da inteligência e da vontade desinteressada!

---

*O GRUPO SEARA NOVA não lisonjeará nenhuma classe da sociedade.*

*O GRUPO SEARA NOVA não dará a nenhum dos seus aderentes qualquer esperança de benefício pessoal.*

*O GRUPO SEARA NOVA não pretende o poder, mas preparar as condições necessárias de todo o verdadeiro poder.*

*O GRUPO SEARA NOVA quer a Revolução, mas não aplaude as revoluções.*

*O GRUPO SEARA NOVA quer semear em proveito colectivo, e não colher em proveito próprio.*

*O GRUPO SEARA NOVA não se limita a prosternar-se perante as glórias passadas da Pátria: quer criar para a Pátria uma nova glória.*

*O GRUPO SEARA NOVA não olha o Passado, marcha resolutamente para o Futuro.*

*O GRUPO SEARA NOVA não se limita a glorificar os mortos herois: quer que apareçam os herois vivos.*

*O GRUPO SEARA NOVA não fará festas, nem lançará morteiros. Dirige todos os esforços para a acção, e para a preocupação do dia de hoje e de amanhã.*